

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre	500 réis
Com estampilha	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso	20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**

Rua de S. C hrispim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal.	60 rs. cada linha
Annuncios e comunicados.	50 » »
Repetições	25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial	25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A REACÇÃO E OS GOVERNOS

Está já bem claro que o fusilamento do innocente Ferrer foi uma exigencia do clero e dos jesuitas.

Segundo declarou o governador eclesiastico de Barcelona, de todos os lados da Hespanha os BISPOS, e os dirigentes da acção catholica e das associações operarias da mesma côr pediram ao governo que reprimisse a propagan-da anticlerical sob todas as suas fôrmas, livros, escholas, comicios, etc.

E o governo dominado pela reacção, ou querendo agradar-lhe, mandou condemnar o fundador das escholas modernas, IMPONDO a pena de morte—quiz ser o algoz ao serviço da seita negra.

São estes os sentimentos evangelicos, que animam os bispos hespanhoes, e os loyolas?

Ao saber-se o grande crime romperam energicas e extraordinarias manifestações em todo o mundo civilizado—contra a Hespanha official, que odiosamente se curva perante as mitras e as roupetas.

Não será pois justo não consentir que os exploradores das crenças religiosas eduquem, e ensinem as classes inferiores, isto é, as fanatistem e pervertam? Não será justo tirar-lhes a direcção das associações catholicas?

Não é a fé, que aos reaccionarios importa, mas o manter, augmentar, e enriquecer esse imperio sacerdotal em que se converteu a igreja, principalmente depois do concilio do Vaticano.

Outro fim não teve o dogma do papa infalivel tão tarde proclamado; o que se pretendia era a unidade d'acção ainda que seja convencional, uma vez que se obedeça e se executem as ordens do autocrata espirital, o chefe da igreja?

Possue a reacção grandes meios d'influencia, o confessorario, de que usa e abusa, o pulpito, a imprensa, varios gremios d'operarios, a assistencia, com que os alicia e prende, asyllos, escholas, conventos, irmandades, e a riqueza etc., e ainda precisam de que os

governos abafem com a morte a voz dos adversarios?

Onde está pois o valor da sua fé, das suas doutrinas?

As crenças irracionaes e as maravilhas, já não resistem á critica, á sciencia, que as examina, e indaga as suas origens.

Estará bem averiguado que a moralidade dependa **ABSOLUTAMENTE** das recompensas cellestes, e dos terrores do inferno?

E quando a fé se dissipa, lá se vae com ella a moralidade: urge que os governos fundem a eschola moral independente de todas as religiões, para que os seus effeitos sejam constantes.

Não se dariam os excessos de Barcelona, se as classes populares fossem educadas, como o deveram ser.

O governo hespanhol devia prevenir essas revoltas, *filhas da fome e da falta de trabalho*, sabendo, que os frades criaram nos conventos industrias que pela sua concorrência affrontam os operarios.

Não será para exaltal-os o verem tão opulentos os que fazem profissão de pobreza e que ainda os excluiam da assistencia, dada a outros, porque iam á missa?

Não os desculpo, mas são attenuantes assaz attendiveis.

Em 1869, publicamos no *Districto*, jornal d'Aveiro, e reproduzimos na *Revista Nacional*, as seguintes reflexões, que o *Bem Publico* orgão jesuitico, contestou sem replica do meu lado, porque a não merecia.

I

Vê-se que por um lado resistem os governos ás pretensões exorbitantes do clero, por outro cedem-lhe a ordem moral, cercam-n'o de veneração da lei, e sustentam-lhe o prestigio. Mas hoje é essa aliança puramente exterior, diplomatica, e sobre inutil, irrealisavel. No intimo os dois poderes se combatem e prejudicam. Desistindo-se já de os unir no mesmo espirito sente-se cada vez mais a necessidade da sua independência. Tudo conspira para que a ordem politica se isole da ordem religiosa, e que os governos se tornem independentes de todos os dogmas, de todas as religiões positivas,

sem que a nenhuma concederem uma influencia legal na ordem civil, nem mesmo sobre a educação e o ensino.

II

E' o estado responsavel pela educação geral, pela moralisação publica, e como hade reconhecer na sua esphera um poder e uma doutrina que não lhe é dado julgar? Não deve pois legalisar nem condemnar, excluir nem reconhecer os dogmas, cuja aceitação ou renuncia pertence só á consciencia livre. Como hade consentir que influa a igreja no ensino, se as escholas e os principios d'esta não estão sujeitos á sua auctoridade nem ao seu exame, se não póde corrigir a doutrina nem o methodo? Para que o estado seja responsavel como deve de o ser, é força que o ensino e a educação sejam attribuições exclusivamente suas. Evitaria assim a contradicção em que se acha applicando á vida social as doutrinas racionaes, e tolhendo por outro lado que se reformem as ideias e crenças religiosas.

III

São a philosophia e a religião como duas potencias inimigas que o estado contém e modera. Não existe pois harmonia entre a religião e a sociedade. E contenta-se a igreja com uma aliança diplomatica, nenhum esforço para uma união mais intima, para uma reconciliação de principios!

O estado, se não permite que a philosophia actue em todo o seu poder dissolvente, subtráe a ordem politica á influencia dos dogmas. Este arranjo não deixa as camadas inferiores receberem o impulso das ideias novas, conservando-as n'um estado de nullidade moral, em que é a consciencia uma como formula historica, que as gerações transmittem umas ás outras, esteril, e sem vida.

IV

A moral não é só uma colleção de preceitos, e não existe por ser uma dependencia dos dogmas, mas como a natural inspiração do bem. E' já de si uma religião, que não precisa de prophetas que a revelem, nem de milagres que a confirmem. A educação fundada n'estes principios, que todas as religiões negam, seriam mais efficazes e fecunda em resultados. Daria a civilisação um grande passo. A mais solida garantia da virtude é o sentimento intimo do dever, e não a obediencia aos preceitos, que o padre se afervora em aconselhar.

As epochas que passaram, tão religiosas, tão devotas, não igualam em moralidade os tempos modernos. E hoje, que a fé é menos viva ou quasi extincta, os sentimentos de humanidade são mais geraes, se fortificam e progredem. A igreja mesma se moralisou por esses a quem chama impios, cujas doutrinas, derramadas na sociedade, introduziram ou crearam os sentimentos que animam esta epocha.

A igreja do seculo XIX não é a mesma que a do seculo XIII.

Não se reproduzem hoje os horrores da sua historia. E as massas ignorantes que os presencavam, como actos meritorios, os repelli-riam agora com indignação.

Que seria da sociedade se houvera sido inteiramente abandonada á direcção ecclesiastica? Que seria d'ella se não exercesse por si mesma uma acção moral pela censura ou louvor dos actos de cada individuo constituindo assim uma opinião dominante, diante da qual todos mais ou menos se reprimem?

Quem na avaliação de seus actos se não inspira de si mesmo Quem recorre aos preceitos, á auctoridade exterior?

Mas proclama a escola religiosa que não existem virtudes, senão porque uma religião as ordena: que não existe lei moral senão porque um Deus a revelou: que não ha moralidade senão porque nos allivia do mal, e nos retem longe do peccado, a graça divina. O preceito ordena, o fiel obedece; mas o sentimento fica por desenvolver, e a fé dispensa o, e a graça tira-lhe o merito Aquelle, que só por obedecer aos preceitos se diz virtuoso, está ainda por moralisar.

Lourenço d'Almeida Medeiros.

A MÃI EXPONDO O FILHO

(TRECHO DO POEMA D. JOÃO)

No entanto uma mulher no sitio mais escuro,
Desconfiada, incerta,
Corre, deslisa, vai, sempre encostada ao muro.
Lançando o olhar obliquo... A rua está deserta...
Para, examina, escuta: as solidões são calmas;
Sente apenas bater o coração medroso...
O mais, silencio... A' roda um cemiterio d'almas
Com gesto convulsivo, um gesto criminoso,

D'entre as dobras do manto arranca uma creança;
Põe-lhe ao seio uma cruz... qual lagrimosa amante
Que offrece ao namorado a ultima lembrança,
Vendo-o partir, talvez para um paiz distante.
E o doce pequenino, o lirio da orphandade
Sorriu ao vêr a mãe... E a mãe ficou scismando
Como quem vê, senhor, em luminoso bando
Os rouxinoes do outomno, as aves da saudade
Irem além cantando,
A fugir, a fugir no azul da immensidade!

Lembrou-se dos irmãos, dos loiros irmãosinhos,
Junto dos quaes no berço elle escutava outr'ora
As limpidas canções que só as mães e a aurora
Sabem cantar aos ninhos,

Lembrou-se de seu pae, aquella fronte austera,
O bom trabalhador,
O forte coração para quem ella era
Continua primavera,
Roseira sem flor.

E o leito virginal cheio de pura essencia,
Cheio de tanta luz como um festivo altar!
O leito sobre o qual o archanjo da innocencia
A' noite desdobrava as azas de luar!...

E os contos de creança, os contos perfumados
Ouvidos em silencio á volta dos eirados,
N'aquellas noites claras
Em que andam pelo ar suspiros e cantigas,
E em quanto o lavrador descansa das fadigas
A lua vae sorrindo ás tremulas searas!

A pobre meretriz, angustiada, afflicta,
Como para fugir aos sonhos tenebrosos,
Ergueu o seu olhar á abobada infinita,
Esse refugio azul dos corações piedosos.
Da lugubre amplidão no immenso descampado
Brilhava um astro só, qual loira creançinha
Que um peito sem amor houvesse abandonado.
Quem sabe se tal luz não era porventura
A alma de sua mãe, da tremula velhinha,
Que, ao vér lá dos espaços
No abysmo a resvalar aquella filha impura,
Abandonava o céu para estender-lhe os braços!...
Ficou scismando absorta em vago ethereo canto...
E ao vér a doce luz do tremulo planeta
Seus olhos ideaes encheram-se de pranto,
Como se enchem de orvalho os folhas da violeta.
Chorou. Oh Providencia, ás vezes quando seismo
No livido estertor da meretriz que chora,
Eu penso que o aljofre é uma grande aurora
Que poderá tapar o mais profundo abysmo!

Nem um rumor sequer pela amplidão tranquilla!
O espirito da mãe n'aquelle agudo instante
Hesitava a tremer, qual pendula que oscilla
Na aresta d'um diamante.

N'isto perpassa um vulto... Ella ficou tremendo...
Roçara-lhe do crime a tentadora aza:
Põe no chão a creança e foge doidamente,
Como quem vai pisando uma fornalha em braza.

Vem despontando ao longe a aurora cõr de rosa,
Anemica, infantil, vaga, silenciosa.
Tombam por sobre o leito as gastas Messalinas;
Fecha-se o lupanar; abrem-se as officinas.

Os homens do trabalho, os rijos corações,
Enchem alegremente os tumidos pulmões
D'um ar fresco, subtil, vivido, penetrante,
Qua é feito de punhaes com bicos de diamante.
A doida Babylonia, immensa, taciturna.
Sente-se espreguiçar como um leão na furna.
Sahem do lupanar os languidos devassos:
Na morna estupidez dos frouxos olhos baços
Mostram a cobardia, os tedios sensuaes
D'uma alma que desce as negras espiraes
Do abysmo silencioso onde a luxuria dorme.
Vão indo devagar, como se peso enorme
Fosse invisivelmente a subjugar seus hombros...
Levam nos corações os lividos assombros,
O baixo desalento, os pantanos escuros,
As verdes podridões dos ignobis muros,
A febre, a hypocondria, o horror ne quem se sente
Abysmar, naufragar irresistivelmente
N'um oceano de lodol...

E exposta sobre a rua
Agonisa chorando a creancinha nua.

Guerra Junqueiro.

AINDA A QUESTÃO SALLESIANA

No final d'um artigo—cataplasma que excede a legua da Povoia, insérto no ultimo numero do «Regenerador Liberal», e em resposta á nossa «Questão á parte», declara o seu auctor que ha-de continuar a escrever quantas tollices quizer, *embora o vão accusar ao bispo.*

Socegue. Nada de sustos. A esse respeito pode estar plenamente descansado. O exclusivo das *accusações ao bispo* pertence á ordem sallesiana cá da terra. Só a ella e a mais ninguem.

Se duvida, abra um inquerito. Talvez não lhe seja difficil obter provas concludentes, esmagadoras... mesmo por casa.

E depois d'isso... continue a dizer tollices para defender quem é capaz de o atacar pelas costas, n'uma encrusilhada.

Emfim, á vontadinha. Sua alma, sua palma.

Offendeu-se porque o julgámos um *testa de ferro*?

Ora pense bem e depois nos dirá que não tem de quê.

Isto é assim, senhor articulista:—quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle. Já é velho o ditado.

E é com a pelle de lobo que V. S.^a ainda d'esta vez nos apparece tentando ferir na sua dignidade pessoas que estão illibadas de todas as culpas pelos quaes um bispo as pôde condemnar... por mais *accusações* que se forjem na terra.

Chama-nos *furiosos*, sómente porque nos insurgimos contra calumnias insinuações, em phrases causticas mas sinceras, violentas por vezes mas sempre justas!

Ora ahí está!

Porque nós combatemos uma sociedade *illegalmente* constituída, altamente prejudicial ao nosso meio, e porque nos empenhamos dentro da medida das nossas forças por expulsão d'esta nossa boa terra, somos *furiosos*!

E' bôa! E nós que sempre supuzemos que não era um *furioso* o bom e divino Jesus, quando empunhou o azorrague para expulsar os vendilhões do templo!

Vejam como são as coisas d'este mundo!

Os sallesianos têm feito do templo uma verdadeira casa de

negocio, mas negocio illicito, immoral, que antes deve chamar-se uma exploração descaradissima, (até chispes de porco já vimos vender, ha annos, dentro da capella do Calvario!) e porque nós, justamente indignados, lembrandonos da lição do divino Mestre, quizemos expulsar os do templo que conspiraram... aqui d'el-rei, somos *furiosos*!

Os sallesianos, sem comprehendem a obra grandiosa de S. Francisco de Salles, cuja luminosa intelligencia tanto honra e brilho deu á Igreja e cujas obras tão boas e saluares effectos produziram, fructificando cento por um, na phrase do evangelho, tiveram a desastrada lembrança de se servirem do nome d'esse luminar da Igreja para fundarem em Ovar uma associação *illegal*, escandalosa, perigosa e má, uma sociedade onde predomina a ignorancia, o odio, a intriga e a estupidez; e porque nós nos insurgimos contra essa alcateia de fanaticos que é o descredito da religião christã... aqui d'el-rei, somos *furiosos*!

Os sallesianos fundaram uma escola (uma escola... oh! justiça de Deus!!) aonde se atrophia o cerebro das creanças pois que a respectiva directora não sabe ler nem escrever com a devida correção, nem tem os menores conhecimentos sobre os mais rudimentares processos do ensino; e porque nós energeticamente protestámos contra esse medonho escandalo... aqui d'el-rei, somos *furiosos*!

Pois, sim, sel-o-hemos, mas n'esse caso o articulista é tolo, ou faz-se. E quem é tolo péde a Deus que o mate; para não affirmar que ha-de continuar a dizer as tollices que lhe vierem á cabeça, *embora o vão accusar ao bispo.*

Bólas, senhor articulista, bólas!

Embora cuide que não, nós julgavamos-o um adversario capaz de offerer mais resistencia.

E' d'ahi, poderá ser que o seja mas não parece. Pelo menos não é leal, nem (*sem piada*) nem escrupuloso nas suas affirmativas.

Se não caluniasse, passaria desapercibido; mas como calunia, embora o negue (parece mentira, mas não é) ha-de soffrer-lhe as consequências.

Quem diz o que quer, ouve o que não quer.

E o senhor articulista diz sobre a *questão da cêra*...

Mas ouça lá, ó snr. articulista:—v. s.^a ou v. rev.^a, ou lá o que é, tem realmente a consciencia do que escreve ou pretende apenas difamar sem provas.

Se escreve de animo leve, brinca com o fogo.

Sim, porque isto de imputar calunniosamente a outrem a pratica de acções menos dignas, sem provas a que se possa arrimar, é grave.

Ouve bem? Já pensou n'isso? Olhe que tal procedimento é grave.

Nós estamos promptos, em nome da firma commercial «Pinho & Irmão» d'esta villa, a provar em publico a lisura dos seus contractos, quer em vendas de cêra, quer em outro qualquer negocio realisado no seu estabelecimento.

Egualmente promptos estamos a apresentar os documentos que mencionamos e a invocar o testemunho das pessoas que interviewaram no assumpto.

A firma «Pinho & Irmão» nada exigiu, nada reclamou, nada impôz. Forneceu a cêra, passou a conta respectiva e recebeu a sua importancia mediante um mandado devidamente legalisado e passado por uma corporação. Eis tudo.

A que vem, pois, o articulista com perguntas em forma de quesitos?

Ah! quer quesitos? Para isso temos o tribunal judicial.

Ah! com facilidade se poderá averiguar, perante a lei, quem são os calumniadores e os caluniados.

Que auctoridade tem o articulista para fazer as perguntas que faz, depois de pôrmos a questão a claro.

Não leu bem? Não comprehendeu?

Mas, por Deus, o que dissémos e damos aqui como repetido, está bem claro, clarissimo!

O que não é nada claro é aquella pergunta do articulista:—«O juiz assignou espontaneamente o mandado de despeza que chamou *illegal*?»

O' snr. Juiz! Onde está V. S.^a que não se insurge contra uma offensa tão grande? Ande, mecha-se e saccuda de si tão grave affronta que irreverentemente lhe atiraram ás venerandas faces!

Ande, mecha-se, venha a publico e diga, snr. Juiz—ha-de ser V. S.^a o proprio a dizer o—se a firma «Pinho & Irmão» recebeu maior importancia do que aquella que se gastou com a cêra fornecida á Irmandade dos Passos.

E sobretudo diga se assignou espontaneamente o respectivo mandado. Vamos, informe ao menos o articulista, se não tem coragem para vir a publico, afim de que elle falle por si.

Snr. articulista tome tento na bola e medite bem no que escreve. Se V. S.^a não é *testa de ferro* como não quer ser, tem toda a responsabilidade dos seus escriptos.

Pois bem. No seu artigo—cataplasma, ha uma phrase que merecia um sério correctivo, e esse lhe ser dado se V. S.^a se puzesse a desoberto.

V. S.^a, pondo-se por detraz do muro—*bouto*, calunia pessoas honestas para defender quem não tem defeza possivel.

V. S.^a atira a pedra e esconde a mão... com receio de que lhe vejam as unhas, o que não acontece com as pessoas que V. S.^a deseja attingir com a pedrada, não sabemos bem porque motivo.

Essas pessoas não se occultam, não atiram pedras, não escondem as unhas, nem tão pouco a estas se lhes péga... cêra. Isso pôde succeder mais facilmente a quem frequenta sacristias.

Não acha? Não lhe parece? Estamos fallando a V. S.^a com uma brandura tal, que decerto o ha-de commover, fazendo-o enveredar pelo caminho do arrependimento.

E assim, suppondo que V. S.^a tem sido até hoje o centurião do

calvario sallesiano cá da terra, dir-lhe-hemos como qualquer pregador da semana santa:

Arrepende-te, centurião!
E a respeito de *accusações ao bispo*, não pense n'isso que é uma tollice.

Arrepende-se sómente do que tem impensadamente escripto, diga o acto de contricção, que nós piedosamente o absolviremos.

Qual seja a penitencia... havemos de dizer-lh'o um dia ao ouvido.

E ha de cumpril a, verál!

O CULTO

VII

«Dae de graça o que recebeis de graça» ordena J. C. aos apóstolos, e o unico salario que lhes autorisa, é a hospedagem em toda a parte, onde exerçam o apostolado»—S. Matheus.

«Não vos inquieteis pelo dia d'amanhã, reparae como vivem as avesinhas, e coms se vestem os lyrios do campo, que não fiam nem tecem.»

Assim aboliu as contribuições destinadas na lei para os levitas e para o culto—e entre os poderes ou antes dons espirituaes, que concedeu aos apóstolos e cujo exercicio recommendou, que fosse gratuito, não ha um só, que lembre as praticas rituaes, o culto dos templos.

Nós diremos ainda o caso, que sobre este assumpto se fez e se faz na egreja romana do fundador do christianismo.

Christão não pode ser o que aos preceitos de J. C., claros expressos, antepõe as frivolas e absurdas inducções da theologia interessada.

J. C. declarou: «Até João a lei e os Prophetas, depois de João o reino de Deus evangelizado»—e no reino de Deus descripto no evangelho não ha sombra de culto externo.

E S. Paulo—«A lei foi o pedagogo, que nos levou a J. C., depois já não ha pedagogo. Estaes livres, não volveis á servidão»—e a servidão, de que vem fallando, consiste na observancia das praticas materiaes. Escusamos de citar outras passagens congeneres.

Apresenta-se pois illegitima e insensata a ideia de que para a egreja christã subsistem as mesmas obrigações impostas na lei antiga.

N'esta havia os sacrificios de sangue, e prohibia-se qualquer representação do ceu e da terra. Moysés supprimiu o symbolismo—todo o judeu odiou as imagens

E se acaso subsistem as mesmas obrigações, que a lei impoz, não devêmos alteral-a e muito menos restabelecer o que mais condemnou—seria um *singular* modo de attender-lhe.

Mas a egreja romana extingue os sacrificios de sangue, e restaura os symbolos e as imagens.

Entalada em mil contradicções, as quaes havemos de apuar ainda em outra materia mais importante, á theologia convinham uns ares mais modestos de menos indolencia.

Continuemos.

«Este povo honra-me com os seus labios, mas não me honra no coração.» D'aqui o que se induz é que a honra dos labios nada vale e que a do coração vale sem a dos labios. E' contraproducente esta passagem que me citam.

E quando bem invocada, como servirá para justificar o culto externo em todas as outras suas formas que estamos refutando?

E o grande preceito—«D'hoje em deante não se ha-de adorar nem n'esta montanha, mas em toda a parte, onde os verdadeiros adoradores adorem em espirito e em verdade»—vem resolver todas as duvidas.

A adoração, uma vez que seja em espirito e verdade, é perfeita. Não está pois obrigada aos templos, aos ritos, a certos loga-

res, é livre, não dependente d'actos externos.

Um verdadeiro adorador não precisa de cerimoniaes rituaes nem da intervenção do sacerdocio.

Pode adorar onde quizer e como quizer—em espirito e em verdade.

Estão excluidos (e essa é a grande questão) o caracter obrigatorio e o valor attribuido aos actos externos *em si mesmos*.

VIII

As recompensas da lei eram benções na terra a missão de J. C. teve outros effectos—reconciliou-nos com Deus, e restituiu-nos a luz moral e o estado primitivo.

Estes effectos são da ordem absoluta, e para se conservarem de nada vale o culto dos sentidos.

Não são os symbolos, que inspiram a fé nos dogmas. As virtudes tambem não são os ritos, que as influem.

Apenas as cerimoniaes podem dispor o animo para a adoração—mas este sentimento é tão espontaneo, tão universal, tão intimo, que escusa os signaes para que *dure*, e senão durassem elles, não é intimo, não é organico, não é intenso, não é tal como o descrevem, e como é na realidade.

E se já era assim antes de J. C., como o não será depois que nos avivou a luz moral, e nos constituiu?

Se o contrario dizem os sabios Migne e Gaume, estes sabios precisam de mais sciencia.

Os sentimentos organicos subsistem sem as representações, sem as imagens. Estavamos bem servidos, se assim não fosse.

(Continua)

Lourenço d'Almeida e Mcdeiros.

NOTICIARIO

TEMPO

Melhorou o tempo com a entrada da lua nova, e eis como será provavel que elle seja durante o resto da 2.^a quinzena do mez corrente:

Em 24 e 25, chuvas e tormentas, nas rejões proximas ao Mediterraneo.

Em 26, chuvas a noroeste da peninsula, estendendo-se um pouco para o centro.

Em 27, chuvas e algum temporal, desde o Cantabrico ao Centro.

Em 28, algumas chuvas ao norte e nordeste da peninsula.

Em 29 a 30, tempo nublado e alguma chuva desde Andaluzia e levante até ás rejões centraes.

Em 31, o mesmo tempo.

PESCA

Houve trabalho de pesca, a meio da semana, mas sem resultado.

«PROGRESSO D'AVEIRO.»

Este nosso prezado collega d'Aveiro, órgão do partido progressista n'este districto, acaba de entrar no 10.^o anno da sua publicação.

Desejando-lhe longa vida e prosperidades, felicitamol-o sinceramente e cordealmente.

PARTIDA

Partiu, na terça-feira passada, para Lisboa, seguindo d'alli para a Ilha do Principe, Africa Occidental, o nosso prezado amigo e conterraneo Augusto Hermogenes Ramos.

EXAME

Fez exame, no dia 19 do corrente, no Porto, com cuja aprovação concluiu o curso de telegraphia, o snr. Manoel Augusto d'Oliveira Pinto, neto do nosso dedicado amigo, o snr. Antonio d'Oliveira Pinto.

Praia do Furadouro

Consta que, hoje, tocará n'esta praia, a Phylarmonica «Ovarense», das 3 ás 6 horas da tarde, e das oito ás dez da tarde, diversão esta que se realisou no domingo passado, conforme estava annunciado, em virtude de o tempo não ter permitido.

Ex.^{mo} Sr. Redactor do «Jornal d'Ovar»

Para dizer ao snr. dr. Almeida o que penso, não é preciso ir a Coimbra e inda menos ser Doutor; e para expôr a verdade nua e crua, não preciso de usar de jogos de palavras, nem de chocarrices que só cabem bem nos verdadeiros palhaços, como se apresenta aquelle Doutor. Veja-se este palavreado proprio d'um palhaço de feira: —Querem mais, senhores? Inda ha cá mais, *vivinhas vivinhas*, promptas a saltar, é puxar-lhes pelos cordelinhos. Devia ainda dizer. «E' entrar, é entrar, que a função vae principiar».

— Fallam como *Doutores* estes dois amigos de Carvalho e de Gonde, que juntamente com os taes visinhos que são da mesma força, o Doutor Almeida offereceu ao governador franquista no tempo em que *namorava* a conservatoria vaga e lhe fallava no seu grande valimento politico cá no concelho. Fallam como *Doutores* não ha duvida, mas como *Doutores* que se aparelham no atrevimento e na mentira com o snr. Doutor Almeida.

Intimei este advogado a provar o contrario do meu desmentido. Veio apresentar testemunhas de pessoas sérias, de toda a respeitabilidade, dignos de todo o credito, como muitas que aqui tem tratado de enterros!

Não—O que apresentou, foram dois individuos da sua parcialidade, meus reconhecidos inimigos; um que já figurou n'aquella *descarada patranha* da corga do sul e de quem o sachristão d'esta freguezia pode dar *noticias* fresquinhas, *vivinhas*, promptas a saltar alli, em Guilhovae, questão de compadrio; o outro não é mais do que um creado do dr. Almeida que faz o que lhe mandam.

Com taes defunctos não vale a pena gastar cera.

Prendi o reu, como o proprio Doutor Almeida prenderia, se aqui viesse espalhar, como aquelle e outros fizeram, que as certidões de obito não eram precisas para cousa nenhuma, querendo ainda incutir no animo do povo, a revolta contra a minha attitude, por impôr o cumprimento da lei. Essa indignação, esse sentimento de justiça em que falla com que diz, ter defendido o reu no Tribunal, é tudo postico—Conforme a paga é alta ou baixa, assim a sua indignação sobe ou desce.

Todos sabem, não ha duvida, o que o snr. é e o que tem sido; não se revista com as pennas de pavão, que lhe podem cahir.

Com que então o snr. Doutor Almeida não é *interesseiro*: O rendoso logar da conservatoria que hoje disfructa, cahiu-lhe do Ceu como maná, de que falla a biblia.

Boqueja-se por ahi ha muito e é do conhecimento de todos, menos do ingenuo snr. Doutor Almeida, que logo que vagara o logar de conservador d'esta comarca, aquelle advogado se arrastara até Aveiro como *homem*, que de *agua* se tornou *verme* a cobiar aquelle logar em troca do seu valor politico, e do valimento d'aquelles taes amigos, de que dispunha como se fosse coisa sua.

Tenho o defeito de ser politico mas politico, que sempre se tem conservado dedicado ao seu partido. O Doutor Almeida pode dizer o mesmo? E' de todos sabido, que se vendeu, atraioando o seu partido, de que até era um dos chefes. E a venda não foi por um prato de lentilhas, mas pela annuidade de 700\$000 reis.

Os jornaes do districto e d'Ovar referiram-se em numeros seguidos a esta traição do snr. Doutor Almeida, mas como este não lê gazetas, não tujiu nem mujiu. E' esta uma nodoa que aquelle advogado tem marcada a ferrete na pelle e na consciencia, se ella existe, e de que nunca, nunca mais se livrará. A joia que possui, a sua rica certã, deixe-a estar no seu logar, muito quieta, porque ha-de estar já gasta de frigrir as pelles dos que os festejaram com a *pancadaria*, no acto da posse do seu querido e namorado logar, mas a certã frije e não escalda, porque ha pelles que não soffreram a menor avaria, com tal fritura. Com certeza que o calor na certã é dado somente, pela lingua do dono e pela refração d'aquelle *calor* que em *certos tempos* lhe aquecia as costas. Quem é pequenino no corpo, alma e dignidade *politica*, quem tem um passado que envergonha e rebaixa, devia calar, calar e só ouvir. Mas o remorso dos *crimes politicos*, a falta de pondunor, a situação falsa obrigam o infeliz por mais illustrado que elle se lhe pareça, a ser um desastrado.

Eu sou um ignorante perante o saber do Doutor Almeida.

N'este concelho todos me conhecem como politico, e como homem.

E francamente lastimo que um quazi analfabeto tenha de dar uma lição a um *letrado* sobre deveres civicos e sociaes, e que o men contendor precisasse de 15 dias, para me responder da forma mais desastrada.

Que pena eu não ter um tio que me formasse e me deixasse fortuna!

Quem poderia então com a minha vida?

Quadro final—Os meus amigos politicos pagam-me os meus serviços com os logares de-regedor e juiz de Paz.

Posso auferir por estes empregos 18\$000 reis annuaes.

O Doutor Almeida recebia dos seus amigos politicos, o logar de administrador do concelho, que lhe rendia annualmente 400\$000 reis.

Eu não trahi os meus amigos, nem traio.

O Doutor Almeida passou-se. Quem é mais honrado, mais serio, mais digno?

O publico que é o Juiz supremo, que julgue.

Vallega, 21 de outubro de 1909.

José Luiz Veiga

Ex.^{mo} Snr. Redactor do «Jornal d'Ovar»

Não contesta o snr. Dr. Almeida os desmentidos, que fiz ás suas phantasticas afirmações, porque factos concretos, que são a expressão da verdade, não se podem desvirtuar. Está provado que não tem pela verdade o culto que disse consagrar-lhe: não o tem, repito, porque o lavrador *colhe o trigo*, mas em seguida passa-o pela jeira, enquanto que o snr. Dr. Almeida *colhe a verdade*, que lhe sopram aos tympanos, sem comtudo a passar pela *feira* do seu espirito esclarecido. Como tinha a minha consciencia tranquilla, estranhei que o snr. Dr. Almeida se esquecesse de ter dado á publicidade as palavras que proferira durante o julgamento e que directa ou indirectamente me attingissem. O snr. Dr. Almeida, n'um impeto de nervosismo, que de, quando em vez, o assalteia, e que, de passagem seja dito, reclama instantemente a hydrotera-

pia fria, pretendeu ferir-me, narrando d'um modo espaventoso e triumphante, o extraordinario e jamais olvidado *caso* da certidão do anjinho da Corga do Sul.

E apresentou-o como uma *verdade adquirida sem phonographo*, apoz o julgamento!

Porque não mais faliou n'este caso *edificante*, snr. Dr. Almeida?

Porque não contradictou os meus argumentos?

Seria, porventura, susceptivel de causar lhe dolorosa oppressão a *autopsia* que fiz a esse acervo de falsidades, em que o tal Manoel José Lino Pires de Resende dosempenhava tão preponderante e caracteristico papel?

Apesar de os ter á mão, não se sirva mais de *Linós*, snr. Dr. Almeida, para as suas *scenas d'feito*, porque afinal deixam-n'o entalado ou, melhor, verdadeiramente *encravilhado*, servindo-me do termo popular.

Mostrei ainda á evidencia que a affirmação, que attribuiu ao regeedor, era uma refalsada mentira, não só por não ser necessario tal verba para a receita do *partido* particular, mas tambem porque tal partido já não existia, ha muitos mezes, como lhe fiz notar, quando começou a celebre propaganda contra as certidões d'obito.

Comtudo, o snr. Dr. Almeida, não oppondo a minima contestação ás considerações que fiz a este respeito, continúa a insistir systematicamente na *tal criação da receita* para o medico.

Ora snr. Dr., não deve ignorar o conhecida adagio: Persistir no erro conhecido é proprio de *cabecudos*; é faser do erro porfia, com descredito do *bom senso*.

Para terminar: não me accusa a consciencia de ter cometido *grosserias* contra o snr. Dr. Almeida, nem outrosim inspirar-me odio, como affirma.

Pelo contrario, o sentimento que nutro pelo snr. Dr. Almeida é mais nobre, mais generoso, como aqui lh'o tenho provado em demasia. Tenha, pois, cuidado, não perca a serenidade, não se desmanche.

Um *espirito scientificamente educado* tem obrigação... de saber manter a *linha* que lhe impõe a elevada posição social que occupa.

Ainda uma vez, snr. redactor, soffra resignadamente a importunação do que se subscreve muito grato.

Vallega, 20 de outubro de 1909

José Lamy

Arrematação

2.^a PUBLICAÇÃO

No dia 7 de novembro proximo pelas 10 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial de esta comarca sito na Praça d'esta villa e no inventario de menores por obito de Manuel Nunes, que foi da Murteira de Arada, volta pela segunda vez a praça e no valor de 400\$000 reis um-leira de terra lavradia, sita no mesá mo logar e freguezia, chamada a Lagôa, de natureza allodial.

Para a praça são citados quaesquer credores incertos.

Ovar 5 de outubro de 1909

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito
Ignacio Monteiro

O Escrivão
Frederico Ernesto Caminha d'Abra-
gão

Cazas

Vende-se um bom predio de cazas com armazem por baixo, vinha e arvores de fructa, e dois caminhos de pé e carro.

Quem pretender dirija se a José Leite Brandão, o «*Midéia*» da rua dos Maravilhas.

OFFICINA DE GUARDA-SOES

DE

Antonio da Fonseca Bonito

Rua dos Ferradores

(Arruella)

OVAR

N'esta officina encontra-se á venda um variado sortido de guarda-soes de brilhantina setim, alpaca, lanzinha, e d'outros tecidos, por preços barattissimos;

Ha tambem bengalas, e encastoam-se estas em prata e outros metaes.

Concertam-se guarda-soes e cobrem-se do novo, em uma hora, havendo tambem lindos cabos avulsos para os mesmos.

Concertam-se armas e revolvers e continua-se a fazer christos em prata, metal branco e amarello para rozarios e redomas, varas de prata para imagens de S. José, alfaias de egreja e ornamentos para redomas e oratorios.

Concertam-se, limppam-se e coram-se castiças, salvas, lampadas, bules, paliteiros resplendores, corôas e todas as pratas.

Encadeiam-se rozarios e terços com fio de prata, ou qualquer arame, e fazem-se todos os trabalhos concernentes á sua arte, por preços muito modicos o com promptidão.

—Ha tambem á venda grande sortido de calçado para homem e creança, sapatos de verniz e de côr, chinellos, tamancos para mulher, para homem e creança.

ADOBES

Bem fabricados e de boa massa. Terra propria para construções solidas. Vende a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Loureiro
OVAR.

CASA

Vende-se uma, na rua das Rbas, d'esta villa, com quintal e poço, que foi do fallecido mestre d'obras Manoel Joaquim da Silva Valente.

Para tratar, com

Guilherme d'Oliveira Corrêa

Rua das Ribas

OVAR

LIÇÕES

Lecciona-se francez e nabilita-se para exame de instrucção primaria 1.^o e 2.^o grau, tanto em casa das aumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.^o 37.

Acceitam encomendas de flores artificiaes, e da-se lições das mesmas.

DESPEDIDA

Augusto Hermonegenes Ramos, tendo-se retirado para a Ilha do Principe, Africa Occidental, e não tendo podido despedirse de todos os seus amigos, vem fazel-o por este meio, pedindo desculpa e offerecendo o seu modesto prestimo, naquella localidade.

Concurso

A Camara Municipal do Concelho d'Ovar, devidamente auctorisada, faz publico que, por espaço de trinta dias, contados da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», se acha aberto concurso para provimento d'um partido medico com a sua séde na freguezia d'Esmoriz, e composto d'esta e das de Corteça e Macêda, com as condições do provimento anterior e o vencimento annual de 112\$000 reis.

Os concorrentes deverão apresentar os seus requerimentos, instruidos com todos os documentos legalmente exigidos, na secretaria d'esta Camara onde se acham patentes as condições do concurso Ovar, 20 d'Outubro de 1909,
O Presidente da Camara,
Joaquim Soares Pinto

Editos de 30 dias

No Juizo de Direito da comarca d'Ovar e pelo cartorio do escrivão Freire, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando os interessados João Pereira de Rezende e Antonio Maria Pereira de Rezende, solteiros, ausentes em parte incerta da cidade do Rio de Janeiro, dos Estados Unidos do Brazil, para assistirem aos termos do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de sua avó Maria Clara de Pinho, moradora, que foi, na rua da Fonte, d'esta villa, sem prejuizo do andamento.

Ovar, 15 de Outubro de 1909.

Verifiquei a exactidão,
O Juiz de direito, Ignacio Monteiro
O escrivão,
Antonio Augusto Freire de Lis

Editos de 30 dias

No Juizo de Direito da comarca de Ovar e cartorio do escrivão Zagallo de Lima correm editos de trinta dias contados da segunda publicação d'este annuncio no Diario do Governo, citando os interessados Antonio da Silva Pacheco e Manoel da Silva Pacheco, casados, ausentes em parte incerta da cidade do Pará, Estados Unidos do Brazil, para assistirem a todos os termos até final do inventario orphanologico por obito de seu paé José da Silva Pacheco, que foi morador no logar de Villar, freguezia de Vallega, da comarca de Ovar, em que é cabeça de casal Anna da Fonseca, viuva do inventariado, do mesmo logar e freguezia; e isto sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 19 de outubro de 1909.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Ignacio Monteiro.
O escrivão,
Angelo Zagallo de Lima.

Arrematação

No Domingo 7 de Novembro proximo pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca e por deliberação do conselho de familia no inventario orphanologico a que se procedeu por obito de Maria Pereira de Rezende, viuva, que foi moradora em Vald'agua, de Vallega, hade ser posta em praça e arrematada por quem mais der acima do valor em que vae á praça, a propriedade abaixo declarada pertencente aos menores Maria Emilia e Manoel, netos da inventariada.

Uma leira de terreno de matto e pinhal, chamada a Quinta do Monte, sita em Bostello, de Vallega, que foi licitada pela quantia de 195\$040 rs. mas vai á praça no valor de 150\$000 rs. Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

As despesas da praça e de toda a contribuição de registo ficam a cargo do arrematante.

Ovar, 14 de outubro de 1909.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito,
Ignacio Monteiro.
O escrivão,
Angelo Zagallo de Lima.

ADEGA DO LUZIO

Do entrudo a esta data
Que de folga tenho 'stado,
N'uma vida tão pacata,
Tão sanfinha, tão beata,
Que me sinto... *abeatado*...

Todavia, em *tempo santo*,
Não extranhe, pois, *voceucia*,
Que, mettido n'este *canto*,
Tenha só tratado tanto,
De *limpar a consciencial*...

E s'alguem quizer *limpal-a*,
Ficar limpo, bem limpinho,
Tão limpinho, que regala,
Deixem lá fallar quem falla,
—Do **Luzio** gastem vinho...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

— LARGO DA PRAÇA —

Os proprietarios d'este estabelecimento, n
certeza de que sempre satisfizeram o melhor pos-
sivel aos seus freguezes, no preço e qualidade
dos seus generos e artigos, convidam o respeita-
vel publico a visitar o seu dito estabelecimento,
onde encontrarão além de todos os generos de
mercearia; um variado sortido de miudezas, ar-
tigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, arti-
gos de latoaria, vinhos da Companhia e outras
marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONCALVES

RUA DOS MERCADORES, 171 — NÃO CONFUNDIR COM IMITAÇÕES

A UNICA NO GENERO QUE TRABALHA MAIS BARATO

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

PORTO.



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho
mais conveniente e elegante contra o
Frio, Vento e Chuva
e o mais commodo para viagem. E se quereis
o verdadeiro só o encontrareis na
ALFAIATERIA DA MODA

de **ABEL GUEDES DE PINHO**

ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETTE
RILEY

E outras marcas; todas as pe-
ças precisas para as mesmas. Con-
certam-se bycicletes

Preços sem competencia



Machinas de Cos-
tura das bem conhe-
cidas e acreditadas
marca "Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca «OPEL» são, indubitavelmente, as unicas que poderão preenchea
todas as exigencias no freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torn-
estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os traba-
rhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes atelieres de modista e alfaiate das principaes ter-
las estrangeiras. Não comprem, pois, machinas de costura, sem verem as da marca «OPEL». Dão-se todas as instruções e ensina-se
o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes.
Há á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas,
etc., etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e acceitam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos.

ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48 — OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madelra

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na,
praça da hortaliça, d'esta villa,
calçado em todas as côre, para
homem, senhora e creanças encar-
regando-se tambem de executar
com esmerada perfeição e modici-
dade de preços, toda a encommen-
da de qualquer obra concernente
á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer
dia da semana, fazer-se encom-
mendas, o proprietario virá tam-
bem a esta villa, a caza dos freg-
uezes, que para isso o avizem
pelocorreio ou pessoalmente.

Fabrica de corôas
e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro
em todas as exposições a que tem concorrido

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar.
Grande sortido
de plantas para
adorno. Flôr de laran-
jeira, e todos os apres-
tos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA
COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.
FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.
SANTAREM — Fonseca & Souza.
BRAGA — Pinheiro & C.ª